

GLOBALIZAÇÃO, CULTURA E IDENTIDADE

Fátima Cristina Rivas Filipe de Oliveira (UNIGRANRIO)

fatimarivas@unigranrio.edu.br

Ana Paula Cavalcante Lira do Nascimento (CBNB)

apcln@hotmail.com

RESUMO

Conceituar o termo “identidade nacional” é uma tarefa complexa que nos leva a considerar a condição social que o sujeito ocupa dentro de sua cultura, do seu país. Com isso, observa-se que a identidade de cada um é construída através da interação entre indivíduos que percebem suas diferenças no modo como vêem os outros. Neste interagir, decorre uma autopercepção de um grupo acerca de si e de todos os seus valores e realidade perante os outros indivíduos. Todavia, a cultura de um povo pode ser influenciada pelas mudanças externas, acarretando alterações nos elementos culturais que caracterizavam-na havendo, portanto, uma integração com este novo ambiente. O fenômeno da globalização é sempre definido como um dispositivo que possa atenuar as fronteiras existentes entre diversos países, possibilitando a circulação de mercadorias, pessoas e o conhecimento de outras culturas.

Palavras-chave:

Cultura. Globalização. Identidade. Língua Inglesa.

“A identidade não é algo que encontramos, ou que tenhamos de uma vez e para sempre. Identidade é um processo.” (SARUP, 1996, p.28).

1. Identidade

No dicionário Aurélio (2010), encontramos a palavra identidade (Lat. *Identitate*) com o seguinte significado: “*Os caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, etc.*”. A identidade ajuda as pessoas a terem a consciência de si próprias, distinguindo-as dos outros indivíduos ou grupos. Hall (2000) indica três definições quando pensa as identidades nacionais frente ao processo de globalização:

– As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do ‘pós-moderno global’.

– Estas mesmas e outras identidades ‘locais’ ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização.

– As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar (HALL, 2000 *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 106).

A identidade, na opinião de alguns estudiosos, é algo imutável, enquanto que, outros acreditam que ela seja passível de construção (subjéctiva) e que o indivíduo possa participar das várias identidades.

Segundo Woodward (2000, p. 19), “A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade”. Porém, Lakatos (1999) afirma que o processo de mudança na cultura de um povo pode se dar através de desvios nos traços, características ou padrões de cada cultura:

O aumento ou diminuição das populações, as migrações, os contatos com povos de culturas diferentes, as inovações científicas e tecnológicas, as catástrofes (perdas de safras, epidemias, guerras), as depressões econômicas, as descobertas fortuitas, a mudança violenta de governo etc. podem exercer especial influência, levando a alterações significativas na cultura de uma sociedade. (LAKATOS, 1999, p. 143)

Observa-se que devido ao crescimento do fenômeno da globalização, as identidades têm se transformado nos últimos anos e observa-se uma crescente influência norte-americana na cultura.

Segundo Chartier (2002, p. 17), “As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas”, ou seja, ele acredita que qualquer cultura sofre influência de outras culturas dominantes atuais, cujos interesses são o de impor a sua ideologia.

Muitos estudiosos do assunto acreditam que com a globalização, as fronteiras culturais passam a não existir e, assim, as diversas identidades passarão a uma “identidade global”. Muitos acreditam que atualmente não se possa falar numa identidade nacional brasileira, apesar de reconhecerem a existência de traços etnoculturais nesta população, através das: danças, religiões, manifestações populares. Os movimentos em prol do reforço destas marcas e práticas ainda são muito tímidos.

De acordo com Castells (2002), alguns observadores têm se surpreendido quanto ao nacionalismo, pois este se encontra ameaçado por três questões:

A globalização da economia e a internacionalização das instituições políticas; o universalismo de uma cultura compartilhada, difundida pela mídia

eletrônica, educação, alfabetização, urbanização, modernização; e os ataques desfechados por acadêmicos contra o conceito de nações, consideradas ‘comunidades imaginadas’ (...). (CASTELLS, 2002, p. 44)

1.1. Identidade e Globalização

O termo “globalização” começa a ser dicionarizado no inglês americano em 1960. A partir deste termo, três considerações são aceitas: a do poder, a do princípio de território e a de transformação dos padrões dominantes da organização socioeconômica. O fenômeno da globalização faz com que as diversas culturas sejam socialmente organizadas e possibilita alterações nas comunidades devido aos acontecimentos globais.

Muitos estudiosos acreditam ou acreditaram que a globalização abreviaria as barreiras econômicas, políticas e culturais de modo a homogeneizá-las e assim diminuir as marcas que caracterizam uma identidade nacional. Desse modo a criação de uma única identidade – uma identidade global – seria inevitável.

Para outros a globalização é entendida como um sinal de que teremos que reforçar cada vez mais nossa identidade através da valorização de nossa cultura. Este alcance global pode ser visto como consequência da expansão dos instrumentos capazes de homogeneizar a informação, tais como o rádio, a televisão, a imprensa e o cinema. Santos (2006) diz que:

Os meios de comunicação de massa não só apregoam mensagens. Eles também difundem maneiras de se comportar, propõem estilos de vida, modos de organizar a vida cotidiana, de arrumar a casa, de se vestir, maneiras de falar e de escrever, de sonhar, de sofrer, de pensar, de lutar, de amar. (SANTOS, 2006, p.69)

O autor acredita que esta é uma cultura moldada pela indústria cultural que dita modos e estilos de vida que irão homogeneizar a civilização.

Marconi e Presotto (2005) justificam que este é um fenômeno de aculturação que pode possuir diversas características culturais que, se trocadas entre culturas, poderá beneficiar ambas ou a uma de forma abrangente sobre a anterior. Esta troca é promovida pela globalização e esse processo de aculturação modifica uma cultura. Entretanto, a cultura consegue preservar alguns elementos da sua própria identidade.

Segundo Hall (1999), o fenômeno da globalização tem sido definido como algo que possa diminuir as fronteiras existentes entre diversos países, facilitando a circulação de mercadorias, pessoas e o conhecimento de outras culturas. A Internet e outras tecnologias são ferramentas

importantes para a redefinição destes espaços e tempo que são alterados. É um fenômeno ocidental; é um “processo de ocidentalização” do mundo.

Canclini (1997) afirma que o modo de vida brasileiro passa a ser ditado pelo modo de vida americano e toda a influência da mídia e da própria indústria americana que consegue incutir, com sua força de comunicação, novos padrões baseados no consumismo, próprio ao florescimento do neoliberalismo. Essa alteração provocada pela globalização determina uma reordenação das relações entre o espaço político, socioeconômico e o território.

Já Hall (1997) considera uma nova dinâmica em que o “global” se articula com o “local” e não que o “global” vá substituir o “local”: “a globalização – na forma da especialização flexível e da estratégia de criação de ‘nichos’ de mercado – na verdade, explora a diferenciação local” (HALL, 1997, p. 83-4).

Conforme Ianni (1999), a sociedade globalizada pode se desenvolver de modo desigual “que se especifica no âmbito de indivíduos, grupos, classes, tribos, nações, sociedades, culturas, religiões, línguas e outras dimensões singulares ou particulares” (IANNI, 1999, p. 255).

Esta padronização de vida que elimina toda e qualquer diferença entre os povos e que apaga as marcas da cultura local é, portanto, uma forma de aculturação ou, quem sabe, numa visão mais positiva, a possibilidade da possível convivência com as diferenças, sem a sobreposição de culturas dominadoras, mas da existência de um interculturalismo ou multiculturalismo que reafirme e transforme a identidade nacional, não permitindo que ela fique subjugada às culturas tidas como superiores:

O multiculturalismo chegou a funcionar em alguns países como interpretação ampliada da democracia. Fez-nos ver que esta significa algo mais do que a rotina de votar a cada dois ou quatro anos: participar de uma sociedade democrática implica ter direito a ser educado na própria língua, associar-se com os que se parecem conosco para consumir ou protestar, ter revistas e rádios próprias que nos distingam. (CANCLINI, 2005, p. 26)

1.2. Identidade Global e Identidade Nacional

Guibernau (1997) atribui o sentimento de pertença de um determinado grupo constituído de elementos comuns a um processo de falta de identidade local, mais do que de identidade global. Ou seja, quando um

grupo cultural passa pela experiência de falta de identidade que acontece pela insuficiência de certezas e referenciais produzidos pela globalização, tenta encontrar a consolidação das duas identidades na cultura local, elementos do grupo em que atue e que marque suas características principais, que marquem a singularidade daquele perante outros grupos. Através deste ponto de vista, há dois fatores importantes para a formação de uma identidade: a continuidade no tempo e a diferenciação em relação aos outros:

O primeiro fator diz respeito à importância de uma cultura possuir um passado comum, uma tradição, uma história e uma cultura que possa torná-la uma sociedade coesa, “cultura comum, terra, um mito de origem, a vontade de construir um futuro comum e, quando possível, a língua, são elementos básicos que favorecem o aparecimento de uma consciência comum” (GUIBERNAU, 1997, p. 154)

O segundo fator depende do primeiro para que esta sociedade cultural se destaque das outras por seus valores singulares e se imponha com característica e marcas únicas de sua cultura. Todas as mudanças causadas pela globalização incitam uma tensão entre os níveis local e há uma necessidade de buscar a sua valorização da alteridade e de suas diferenças culturais. Como já mencionado antes, Hall (1999) diz que seria mais acurado pensar numa nova dinâmica entre o ‘global’ e o ‘local’ e não de acreditar que o ‘global’ vá substituir o ‘local’. A globalização é um fenômeno de influência ocidental que traz incertezas e falta de referenciais fixos, mas, que também serve como uma reafirmação das identidades locais, da busca de seus referenciais de tradição e cultura.

Acredita-se que uma identidade global está se formando, porém este é um fenômeno antagônico, pois a palavra ‘identidade’ quer dizer ‘os caracteres próprios e exclusivos de cada um, ou seja, o sentido da palavra se define pela oposição aos “outros”, ou seja, pela exclusão dos outros e exige uma inclusão seletiva. Ao mesmo tempo a palavra ‘global’ indica a não continuidade em relação aos povos.

2. Resistência Cultural Frente à Globalização

A cultura pode mudar ou se transformar, porém esta mudança depende do grau de resistência ou aceitação da cultura atual, conforme afirma Canclini:

O maniqueísmo daquelas oposições torna-se ainda menos verossímil nos anos 80 e 90 quando vários países dependentes registram um crescimento notável de suas exportações culturais. No Brasil, o avanço da massificação e industrialização da cultura não implicou contrariamente ao que se costumava dizer, uma maior dependência da produção estrangeira. (CANCLINI, 1998, p. 311)

Isso significa que nossa cultura é composta de diversas outras interferências em sua constituição e que para se realizar a leitura do momento atual, há que se fazer também uma leitura de mundo: dos aspectos históricos, sociais e políticos que acontecem e todas as transformações que advêm destas informações.

As autoras Marconi e Presotto (2005) discriminam a forma com que uma cultura pode influenciar na formação da identidade nacional:

A cultura é dinâmica e contínua, em virtude de estar constantemente modificando, em face dos contatos com outros grupos ou com suas próprias descobertas e invenções, ampliando, dessa maneira, o acervo cultural de geração em geração. Varia, portanto, no tempo e no espaço. (MARCONI; PRESOTTO, 2005, p. 40)

Bauman (1998) caracteriza a cultura de modos diferentes:

As normas promovidas ou instaladas por meio da cultura são (ou pelo menos deveriam ser) coerentes e não-contraditórias, tal como a própria ordem; se acontecem de não o serem – essa é uma situação anormal e mórbida, que necessita de corretivo e retificação. (BAUMAN, 1998, p. 164)

O referido autor considera a cultura como um sistema que só permite a existência das normas e artefatos culturais que sejam indispensáveis à autorreprodução dele. Segundo ele, ao se deparar com uma norma ou um artefato, verifica-se qual papel estes desempenham no sistema e se não se consegue determinar-lhe uma função, deve-se presumir que a norma ou o artefato em questão é um resíduo de um estado anterior do sistema, agora inútil e destinado a desaparecer – ou uma inserção estranha, desintegradora da engrenagem do sistema. Da mesma forma, Bauman (1998) acredita que:

Quando um sistema cultural possui uma ‘estrutura’, sendo uma variedade impessoal da estrutura encontrada em todas as ‘fábricas de ordem’, analogamente à mesa de controle ou aos ‘objetivos da organização’ deve haver um ‘sistema de valores centrais’ no topo do sistema cultural. (BAUMAN, 1998 p. 164)

Para Lakato (1999):

As culturas mudam continuamente, assimilam novos traços ou abandonam os antigos, através de diferentes formas. As culturas estão sujeitas aos aspectos como crescimento, transmissão de hábitos, difusão ideológica, estagnação, declínio e fusão. (LAKATOS, 1999, p. 143)

Marconi e Presotto (2005) concordam que:

A cultura muda continuamente, possui suas variações, pois integra novos elementos – crescimento da cultura – e se desassocia de outros. O crescimento da cultura, todavia, não é uniforme; pode haver época de grande desenvolvimento, de paradas e até de retrocessos. A alteração pode ser realizada por substituição ou por acumulação, tomando de empréstimo elementos de outra cultura, conservando-os ou adaptando-os. (MARCONI; PRESOTTO, 2005, p. 40)

A cultura, de certa forma, é padronizada, pois todos os membros de um grupo agem de uma única maneira, porém, se passam a agir em relação às influências externas de forma idêntica, isso poderá sugerir mudanças nos elementos culturais que a caracterizavam antes havendo uma nova integração nesta cultura. Acredita-se que esta mudança que acontece na cultura advém da influência de fatores internos e externos. Os fatores externos ocorrem pela difusão cultural e os internos através das descobertas ou invenções que acabam por adicionar novos elementos aos já existentes da cultura em questão:

Muitas vezes, condições religiosas, sociais e ambientais levam ao desaparecimento ou mudança de um complexo cultural. Por um lado, se um simples traço ou toda uma cultura pode desaparecer, por outro, o renascimento cultural pode ocorrer, em consequência de fatores endógenos ou exógenos. (MARCONI; PRESOTTO, 2005, p. 42)

As mudanças ocorrem, primeiro, quando alguns elementos são emprestados de outras sociedades. Segundo, pode ocorrer a substituição deles por serem, talvez, inadequados ao meio-ambiente. Em seguida, a sua mudança decorre de quando não há a transmissão de informação e, por último, caso os elementos entre as gerações e se alguns destes foram adicionados àquela sociedade em questão, não possuem significado. Daí, a cultura possivelmente pode ficar estacionada. Segundo Marconi e Presotto (2005), “somente as culturas totalmente isoladas podem manter-se estáveis” (MARCONI; PRESOTTO, 2005, p. 42).

Por outro lado, Ianni (1996) acredita que as características de cada nação ou povo são reflexos das modificações e dos movimentos gerados pelo globalismo. Ele questiona que a globalização mundial modifica as realidades políticas, sociais e econômicas, além das culturais:

Ocorre que o globalismo é produto e condição de múltiplos processos sociais, econômicos, políticos e culturais, em geral sintetizados no conceito de globalização e resulta do jogo de complexo de forças atuando em diferentes níveis da realidade, em âmbito local, nacional, regional e mundial. (IANNI, 1996, p. 237)

Ele enxerga o globalismo como:

Uma configuração histórico-social no âmbito da qual se movem os indivíduos e as coletividades, ou as nações e as nacionalidades, compreendendo grupos sociais, povos, tribos, clãs, etnias, com as suas formas sociais de vida e trabalho, com as suas instituições, os seus padrões e os seus valores. (IANNI, 1996, p. 236)

3. A influência da Língua Inglesa em nossa cultura

Atualmente a língua inglesa é a mais utilizada no mundo da indústria e do comércio. Como os Estados Unidos surgem como uma grande potência após a 1ª Guerra Mundial, este país passa a ser referência de economia e cultura. Ocorre o fenômeno conhecido por “imperialismo cultural”, ou seja, a língua, os produtos e a moda começam a ser exportados para o resto do mundo. Os valores de consumo americanos foram, aos poucos, sendo introduzidos na América Latina associados ao modelo de país ideal e de sociedade desenvolvida.

Primeiramente vemos os Estados Unidos influenciar a indústria cultural e cinematográfica e, assim, seu domínio econômico passa a acompanhar este desenvolvimento. A língua inglesa começa a ser difundida como língua dos negócios, ou seja, uma língua de comunicação internacional. Certos países até a adotaram como segunda língua, impondo a seus habitantes o ensino não só da língua como da cultura deste ‘colonizador moderno’.

No Brasil essa influência não seria diferente. A língua inglesa começa a tomar conta de nosso vocabulário e inúmeras palavras, expressões e termos ingleses passaram a fazer parte de nosso cotidiano. A cultura norte-americana se torna mais visível nos nossos costumes, hábitos alimentares, no consumo de filmes e músicas internacionais e nos valores culturais.

Porém, diferente do que muitos pensam, tanto a língua quanto a cultura inglesas não podem ser analisadas isoladamente, pois fazem parte de todo um contexto de formação social, político e cultural. Toda essa influência acaba se fortalecendo nas últimas décadas do século XX com o deslanchar do mercado tecnológico e da internet.

No campo do ensino, podemos verificar que há uma forte influência norte-americana que contribuiu para o aumento das chamadas escolas internacionais. São escolas para o público da classe média e seus quadros de professores são, na sua maioria, compostos por nativos de procedência norte-americana.

Observamos que o uso da língua inglesa no Brasil é predominante, mas não exclusivo, uma vez que nosso sistema educacional adota o ensino do inglês como língua estrangeira e não como segunda língua. Assim, ainda não vemos comunidades fechadas que utilizem somente a língua inglesa para se comunicarem. O inglês é visto como uma língua importante para os negócios, para a formação acadêmica em níveis de Mestrado e Doutorado, mas não é considerada uma segunda língua.

3.1. Uma última palavra: A importância do ensino da Língua Inglesa

Uma das premissas aceitáveis que justificam o ensino da língua inglesa dentro do território brasileiro é a de que este idioma faz parte da construção de nossa cultura. A educação fornece ao homem uma experiência educacional e também social. Desta forma, a educação constrói-se nas experiências entre o desenvolvimento individual e a cultura do grupo na qual este sujeito está envolvido.

Ao se olhar para o passado, verifica-se que, quando Portugal se liberta dos domínios da Espanha (União Ibérica – 60 anos), um pouco arruinado financeiramente, passa a depender da Inglaterra. A vinda da Família Real Portuguesa ao Brasil foi toda financiada pelos ingleses e nossa Proclamação da República foi apoiada pelos Ingleses. Após a 2ª Guerra Mundial, os Estados Unidos da América ascende como potência mundial e, desenvolvem-se as indústrias da Informática e da Comunicação, consequências do processo de globalização.

Com isso, novos termos provenientes destas duas áreas acabam sendo incorporados ao nosso vocabulário. Uns são traduzidos, outros permanecem iguais, os chamados ‘ estrangeirismos’. Os próprios documentos oficiais brasileiros defendem o ensino do inglês: “O Inglês, hoje, é a língua mais usada no mundo dos negócios, e em alguns países como Holanda, Suécia e Finlândia, seu domínio é praticamente universal nas universidades.” (BRASIL, MEC, 1998, p. 23). Entretanto, o ensino da Língua inglesa na Educação Básica tem o objetivo de formar os alunos para exercerem a cidadania, o desenvolvimento da autonomia e o domínio de um novo idioma para que esse cidadão possa interagir com outros, aprender coisas novas de modo crítico, sem substituir sua cultura local pela cultura do outro. O importante é que o indivíduo seja capaz de entender e respeitar as diferenças entre outros povos, mas respeitando suas origens.

O estudo de uma LE desenvolve a autoestima, favorece a convivência com as mídias, com a cultura americana, possibilita um desenvolvimento intelectual mais abrangente. A aprendizagem de uma Língua estrangeira “não é só um exercício intelectual de aprendizagem de formas estruturais (...), é sim uma experiência de vida, pois amplia as possibilidades de se agir discursivamente no mundo” (BRASIL, MEC, 1998, p. 38).

Aprender uma LE faz com que o aluno, acima de tudo, conheça e respeite mais sua própria cultura, defendendo-a de uma invasão, de uma imposição cultural impensada e desnecessária. Ensinar uma LE é dar ferramentas ao aluno para que ele possa agir não só na sua comunidade local, mas que possa pensar e agir de modo global, ampliando seu conhecimento de mundo e seu universo discursivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Trad. de Mauro Gama & Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Globalização: as conseqüências humanas*. Trad. de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Identidade*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CANCLIN, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

_____. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. *Diferentes, Desiguais e Desconectados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. Trad. de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2001 e 2002.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre Práticas e Representações*. 2.ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: O Estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

_____. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. *Quem precisa de identidade?* Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

IANNI, Octavio. *A Era do Globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

_____. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LAKATOS, Eva. Maria. *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. *Antropologia: uma introdução*. São Paulo: Atlas, 2005.

OLIVEIRA, Fátima Cristina Rivas Filipe de. *Poéticas da tradução e identidade*: Paulo Henriques Britto tradutor de Elizabeth Bishop. Dissertação de Mestrado, 2014. Disponível em: <http://w2.files.scire.net.br/atrio/unigranrio-pvglch_upl//THESIS/26/dissertacao_poeticas_da_traduo_e_identidade_paulo_henriques_britto_tradutor_de_elizabeth_bishop.pdf>. Acesso em 20 mai. 2018 às 19:39.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: língua estrangeira, Brasília, Ministério da Educação e do desporto. Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SARUP, Madan. *Identity, culture and postmodern world*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, T.T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.<www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1787> Acesso em 23/05/2018.